

HABITAR: ENSAIOS SOBRE O PENSAMENTO CORPORIFICADO DE JUHANI PALLASMAA

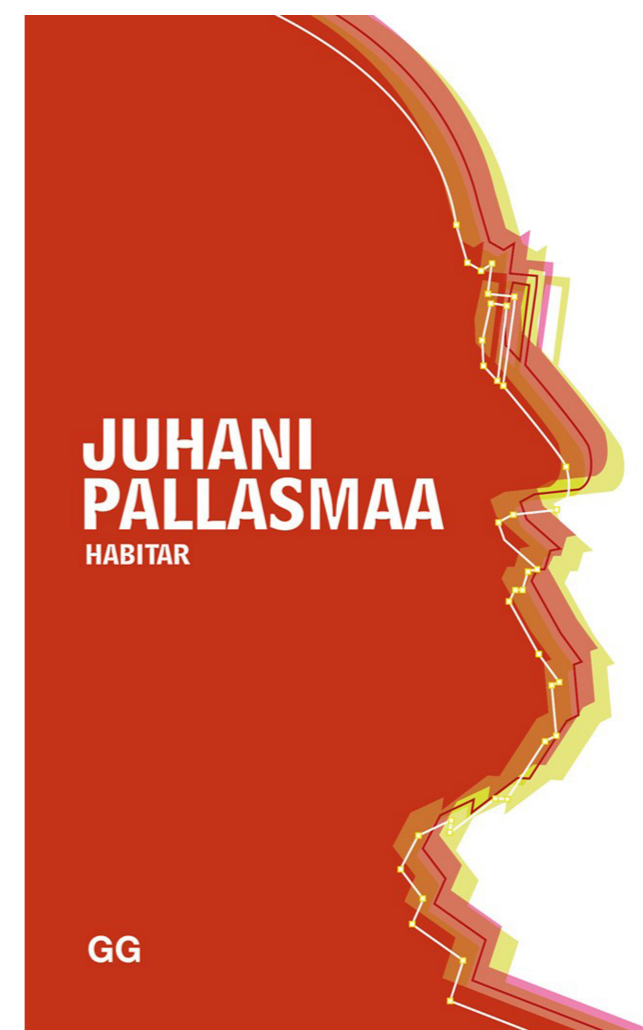
Ricardo Ferreira Lopes¹

PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. 1. ed. Trad. de Alexandre Salvaterra. São Paulo: Gustavo Gili, 2017. 128 p.
ISBN: 978-85-8452-094-7

Refletir sobre o habitar na contemporaneidade – quando a paisagem está cada vez mais desgastada por ações humanas; onde a produção massiva de edifícios sem identidade revela-se marcante no meio urbano; onde condomínios particulares velados para dentro de si, segregam-se dos espaços públicos da *urbe*, e; onde a casa tem perdido seu sentido metafísico, tornando-se um produto mercantilizado, funcional e vazia de vida – trazem à baila, questões de qual seria a ideia e o significado de habitar na relação entre o indivíduo e o espaço (de sua própria existência). Neste pocket book, de leitura agradável, didática e instigante, o arquiteto e teórico finlandês Juhani Pallasmaa trata do “habitar”.

¹ Professor Adjunto do Departamento de Projeto, Representação e Tecnologia da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora. ricardof.lopes@yahoo.com.br.

✉ Rua José Lourenço Kelmer, s/n, Campus da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), São Pedro, Juiz de Fora, MG. 36036-900.



Habitar: ensaios sobre o pensamento corporificado de Juhani Pallasmaa
Ricardo Ferreira Lopes

Nascido em Hämeenlinna, 1936 é arquiteto e trabalha em Helsinque, Finlândia. Foi professor de arquitetura na Universidade de Tecnologia de Helsinque, diretor do Museu de Arquitetura da Finlândia e professor convidado em diversas escolas de arquitetura do mundo inteiro. É autor de inúmeros artigos sobre filosofia, psicologia e teoria da arquitetura e da arte e dos livros “Os olhos da pele” (2011), “As mãos inteligentes” e “A imagem corporificada” (2013). Inicialmente, busca-se na obra compreender o sentido originário da palavra habitar, nas dimensões do espaço e do tempo, observando como o indivíduo se relaciona com o mundo. Nesta coletânea de ensaios, Pallasmaa tece críticas à cultura contemporânea, fanaticamente materialista, individualista, tecnológica, acelerada e imagética.

A começar pela arte gráfica da capa, marcante na coleção da editora GG, o perfil da cabeça do autor em múltiplas camadas com entes geométricos como pontos, segmentos e planos, desperta-nos a curiosidade de explorar o pensamento do arquiteto sobre o habitar, em conexão com a sua realidade mental, subconscientes, míticas e poéticas da construção e da moradia. Nas palavras do autor: “[...] é fundamentalmente um intercâmbio e uma extensão; por um lado o habitante se acomoda no espaço e o espaço se acomoda na consciência do habitante, por outro, esse lugar se converte em uma exteriorização e uma extensão de seu ser, tanto do ponto de vista físico como mental” (p. 7-8).

A obra “Habitar” é enriquecida por textos clássicos de fenomenologia e por referências a filmes, permitindo que a sua leitura seja prazerosa e ao mesmo tempo didática. Além do prólogo “Habitar no Espaço e no Tempo”, o livro é estruturado em cinco textos, organizados por ordem cronológica, a saber: (i) “Identidade, intimidade e domicílio”, de 1994; (ii) “O senso de cidade”, de 1996; (iii) “O espaço habitado”, 1999; (iv) “A metáfora vivida”, 2002 e; (v) “Habitar no tempo”, de 2015. A obra, portanto, acaba sendo um convite à reflexão teórica e à evolução do pensamento do autor em quase três décadas dedicadas à abordagem fenomenológica com enfoque na arquitetura e na arte. Parte dos ensaios da coletânea serviram de inspiração e fonte para os seus livros mais conhecidos, conforme citado acima, consagrando-se no ensino de teoria da arquitetura. A síntese de tais ensaios serão abordados adiante.

(i) “Identidade, intimidade e domicílio: observações sobre a fenomenologia do lar” (p. 11-44). Em seu primeiro e mais longo ensaio, Pallasmaa faz uma reflexão, à luz da filosofia de Gaston Bachelard, sobre a possibilidade de se construir lares e não casas no âmbito da arquitetura. Ao reconhecer questões identitárias primordiais, o teórico estabelece uma crítica à produção de arquitetos que se detém à mera fabricação arquitetônica pela satisfação superficial, intimamente ligada ao deleite visual e funcional, sem refletir um modo de vida. O autor, embora arquiteto, observa que foram os escritores e cineastas em suas obras mais significativas que compreenderam os significados mais profundos e sutis do ato de habitar. Assim, Pallasmaa examina o conceito e a essência de lar, buscando nas imagens memoráveis e nos sentidos – dentre muitas a de sua infância, em filmes ou outros exemplares de arquitetura. Para compreender as dimensões da existência humana e o sentido de lar, Pallasmaa medita sobre as imagens de elementos básicos do

Habitar: ensaios sobre o pensamento corporificado de Juhani Pallasmaa
Ricardo Ferreira Lopes

cotidiano, contudo para o autor, preenche de significados, tais como lareira e fogo, mesa, guarda-roupa, porta e janela, até a intimidade confinada em paredes.

(ii) “O senso de cidade: a cidade percebida, recordada e imaginada” (p. 45-56). No segundo e mais breve texto, Pallasmaa chama atenção para a perda da plasticidade da paisagem da cidade contemporânea em detrimento do sentido visual. A eliminação das especificidades dos lugares, graças ao movimento acelerado e mecanizado, vela a cidade do contato pessoal, íntimo e corporificado. Em cidades fragmentadas e descontínuas, a perda das referências passadas e de suas preexistências contribuem também para a perda de nossa identidade e consciência como seres históricos. Torna-se imperiosa a experiência da superficialidade, por exemplo, o vidro espelhado não convida o expectador à profundidade do edifício opaco e misterioso. Nitidamente inspirado na filosofia de Merleau-Ponty, o autor reforça que a imagem da cidade mais aprazível, não se resume unicamente ao deleite do sentido visual. Assim, para Pallasmaa, são as experiências corporificadas que se complementam e definem o sentido de habitar a cidade, seja na percepção tátil, nos sons, nas fragrâncias e aromas, na memória e imaginação.

(iii) “O espaço habitado: a experiência incorporada e o pensamento sensorial” (p. 57-86). Com forte influência do existencialismo de Sartre, Pallasmaa se detém à reflexão da arte como base existencial da condição humana e como essência da vida. Ao afirmar que “a arte estrutura e articula nosso ser-no-mundo” (p. 59), o autor introduz este texto insinuando que uma obra de arte é uma imagem capaz de penetrar em nossas consciências. Nossa capacidade de imaginar e fantasiar estrutura o espaço existencial vivido, com base nos significados e valores refletidos pelo indivíduo ou pelo coletivo. Formas artísticas como a arquitetura, a música e o cinema, tem como base comum o espaço vivido, onde a mente e o mundo se fundem em imagens e emoções. O experimentado, o recordado e o imaginado para o autor, são experiências similares na consciência, mas não somente no pensamento cognitivo, mas nos sentidos e em nossa própria estrutura corpórea. Do mesmo modo, a arte possui a mesma capacidade de nos afetar, pois nela encontramos nosso ser-no-mundo com mais intensidade, como modos de pensamento sensorial incorporado. Com a noção do conhecimento existencial corporificado por meio da arte, o autor finaliza o ensaio com uma reflexão sobre a educação sensorial, não somente no âmbito do fazer artístico, mas na construção da identidade, da imagem do mundo e da imaginação, competências inatas nos seres humanos.

(iv) “A metáfora vivida” (p. 87-110): neste ensaio, Pallasmaa retoma o tema da arquitetura como uma metáfora ao vivido. A arquitetura é resultante do ato de habitar e, portanto, a casa enquanto moradia do homem é a sua imagem primordial facilmente identificável. A revisão de escritos fenomenológicos de filósofos como Heidegger, Merleau-Ponty e Bachelard – especialmente este último – correlacionam as imagens arquitetônicas como experiências de mundo corporificadas, como meio de internalização e identificação. Segundo o autor, o impacto mental promovido

Habitar: ensaios sobre o pensamento corporificado de Juhani Pallasmaa
Ricardo Ferreira Lopes

pelas metáforas arquitetônicas e pelas imagens poéticas (por exemplo, piso, cobertura, parede, porta, janela, lareira, escada, cama, mesa e banheiro) articulam a essência primordial e histórica da experiência existencial humana. Pallasmaa destaca que apesar de nos impressionar, a arquitetura na contemporaneidade não nos comove, pois se desvincula dos seus fundamentos existenciais. Neste sentido, a obsessão pelo novo e pelo singular, converteu a forma arquitetônica em um ofício de invenção formal. A tradição convencional e a criatividade autêntica são lançadas pelo teórico no campo do imaginário poético, onde este não pode ser fabricado ou inventado, mas vivido, encontrado, revelado e articulado na experiência comovente e sutil da vida.

(v) "Habitar no tempo" (p. 111-124): por fim, Pallasmaa apresenta neste ensaio mais recente, breves reflexões de sobre a mediação da arquitetura em nossa vivência no espaço e na condição de habitarmos no curso do tempo. Pallasmaa reforça a interdependência do espaço e do tempo como dimensões da consciência em sua interligação com o mundo. Ao problematizar sobre o desaparecimento do tempo nas experiências da realidade, o autor recorre a filósofos da pós-modernidade como Harvey e Jameson, para observar que as noções do tempo foram suprimidas e substituídas pelo espaço. Evidencia tais constatações na evolução da literatura e da arquitetura nestes últimos dois séculos, quando a velocidade tem aniquilado as relações espaçotemporais dos espaços públicos. "A arquitetura necessita mediar nossa relação com nosso passado biocultural" (p. 117), pois os lugares históricos nos transmitem mensagens de continuidade, e não em uma condição desprovida de tempo, sendo mentalmente maléfica. A presença de edifícios de diferentes épocas, enriquecem a experiência dos lugares, reforçando o sentido de pertencimento, enraizamento e identidade cultural. O sentido histórico possibilita a existência de significados culturais coletivos, o que não acontecem com as obras concebidas em função do espírito da novidade e, portanto, arrogantes. Diante das evidências atuais da neurociência, das quais apontam para a influência da qualidade ambiental no comportamento e na alteração da estrutura cerebral, Pallasmaa defende a importância dos lugares antigos, na estruturação e modificação de nossas experiências de mundo, bem como em nossa completude espiritual e corporal.

* * *

Apesar de apresentar em vários momentos da obra, uma visão pessimista do porvir, Pallasmaa deposita na arquitetura e na arte uma esperança de evocar sensações e emoções existenciais. Muito coerente e didática, a obra merece destaque. O livro, apesar de ser orientado aos temas ligados à teoria da Arquitetura e Urbanismo, pode ser destinado para todos aqueles entusiastas da Arte, Filosofia, Geografia, por tratar de complexas questões existenciais humanas na contemporaneidade. Repleto de referências a filósofos, poetas, músicos, pintores, filmes e, naturalmente,

Habitar: ensaios sobre o pensamento corporificado de Juhani Pallasmaa
Ricardo Ferreira Lopes

exemplos de obras e escritos de arquitetos, sua leitura também é indicada para a ampliação do repertório de pesquisa complementar e aprofundamento das questões ligadas à fenomenologia.

Deve-se destacar que os argumentos e citações de “Habitar” são demasiadamente repetitivos no decorrer dos textos, especialmente para àqueles que já apreciaram às demais obras da sua trilogia. Entretanto, apesar de parecer uma falha na organização da obra, vale lembrar que a compilação de ensaios apresenta a evolução e a construção do pensamento do autor ao longo de décadas e a repetição deve ser encarada como revisão e ampliação dos escritos anteriores. Assim, para se tirar o máximo proveito da fenomenologia das formas de habitar em Pallasmaa, faz-se necessário uma leitura lenta e descompromissada: no pulsar do tempo e do espaço vivenciais, assim como insinua o próprio teórico. ○

REFERÊNCIAS

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele**: a arquitetura e os sentidos. 1. ed. Tradução de Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2011. 76 p.

PALLASMAA, Juhani. **As mãos inteligentes**: a sabedoria existencial e corporalizada na arquitetura. 1. ed. Trad. de Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2013a. 160 p.

PALLASMAA, Juhani. **A imagem corporificada**: imaginação e imaginário na arquitetura. 1. ed. Trad. de Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2013b. 152 p.